

## BENTO SANTIAGO E CARLOS DA MAIA: UMA HISTÓRIA DO MEDO EM MASCULINO

Não, ele não vai mais dobrar  
Pode até se acostumar  
Ele vai viver sozinho  
Desaprendeu a dividir  
Foi escolher o mal-me-quer  
Entre o amor de uma mulher  
E as certezas do caminho  
Ele não pôde se entregar  
E agora vai ter de pagar com o coração  
(*Cara Valente*. Marcelo Camelo)

Ao tentar aproximar as narrativas de Machado de Assis e Eça de Queirós através de romances-chave da escola realista luso-brasileira – *D. Casmurro* de 1889 e *Os Maias* de 1888 –,<sup>1</sup> sirvo-me dos conceitos de "museu e/ou biblioteca imaginários" criados por Malraux e competentemente explorados por Edson Rosa da Silva, num inultrapassável ensaio intitulado "O museu imaginário e a difusão da cultura"<sup>2</sup>. Ambos são espaços construídos por nossa imaginação, onde se agrupa "tudo aquilo que, além de distante no espaço e no tempo, é intransponível". Como abolem "as fronteiras espaciotemporais" por serem "lugares mentais", eles não têm limites, ao mesmo tempo em que põem em confronto "formas de um mundo informe e atemporal", já que "escapa[m] ao mundo histórico" e "descentraliza[m] e desierarquiza[m]" a cultura.<sup>3</sup>

A biblioteca ou museu imaginários "fundamentam-se na ausência de um saber único (a tradição, a certeza, a verdade) e abrem-se ao desejo de saber (a confrontação das obras, o diálogo, a intertextualidade)".<sup>4</sup> Assim, é talvez por puro "desejo de saber", que as narrativas de *Os Maias* e de *Dom Casmurro* se encontram reunidas pelo meu

---

<sup>1</sup> As edições são respectivamente: São Paulo, Círculo do Livro, 1975; e Lisboa, Livros do Brasil, s/d. Para as citações dos romances, utilizarei as abreviações *DC* e *OM*, seguidas do número da página.

<sup>2</sup> SILVA, Edson Rosa da. O museu imaginário e a difusão da cultura. *Revista Semeiar*, n.º 6. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002. p.187-196.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p.189.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 196.

discurso desejante, que não quer mais do que reacender o prazer da leitura de obras que já têm por trás de si uma extensa bagagem crítica. Evidentemente, não pretendo recusar tudo aquilo que especialistas dedicados à obra de cada um dos autores já disseram desses livros; antes gostaria mesmo é de perguntar como autores tão insistentemente lidos ainda não foram capazes de habitar efetivamente a mesma "estante imaginária" nas inúmeras "bibliotecas teóricas" que os críticos vivem de construir, a não ser, é claro, nos casos em que o interesse de análise incide sobre as diferenças que se firmam como irrefutáveis, incapazes de formar um tecido intertextual realmente produtivo.

Certo é que, para as histórias da literatura, os dois autores obrigatoriamente se encontram agrupados no período conhecido como Realismo, marcado de perto por sinais de decadentismo, de cepticismo e de forte crítica social. No entanto, essa aproximação é em muito desfeita quando se tenta comparar estilos de escritas tão diversos e propostas ideológicas marcadamente contaminadas pelas especificidades, oriundas das realidades experimentadas por Machado e Eça<sup>5</sup>. Carlos Reis<sup>6</sup> aponta que também os valores ético-morais parecem afastar os autores, ainda mais quando comparamos aquilo que para cada um resumia o conceito de bom gosto.

De fato, acredito ser mesmo a diferença aquilo que une estes autores num mesmo "horizonte de semelhança", pois como ficcionistas, eles foram capazes de criar "irrealidades e não reconhecimentos" a partir daquilo que a cada um atingia como realidade factual, cabendo a nós, como leitores, "realizar a 'irrealidade' do objeto" <sup>7</sup>, construído pelo poder da ficção. Partindo então da existência de um "horizonte de semelhanças", é que o discurso de Carlos Eduardo da Maia se veio atar ao de Bento Santiago.

De volta a Portugal, depois de uma prolongada ausência de dez anos, quando perambulou pela Europa fugindo da verdade do incesto, o neto de Afonso da Maia

---

<sup>5</sup> Somente para exemplificar, cito o que Alfredo Bosi, defende em *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999. p. 18: "A originalidade de Machado está em ver por dentro o que o naturalismo veria de fora. Os seus tipos são e não são parecidos com os dos seus contemporâneos, Eça de Queirós e Aluísio Azevedo, brilhantes traçadores de caricaturas. Vejo nessa diferença as potencialidades dos discursos ficcionais que, mesmo se colocados sob o signo do realismo histórico, não se deixam enrijecer em categorias".

<sup>6</sup> REIS, Carlos. *Estudos queirosianos: ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

<sup>7</sup> LIMA, Luís Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 364.

percorre Lisboa ao lado de João da Ega que, desolado, exclama: "Falhámos a vida, menino!", ao que Carlos dolorosamente responde:

Creio que sim... mas todo mundo mais ou menos a falha. Isto é, falha-se sempre na realidade aquela vida que se planeou com a imaginação. Diz-se: "Vou ser assim, porque a beleza está em ser assim". E nunca se é assim, é-se invariavelmente *assado*, como dizia o pobre marquês. Às vezes melhor, mas sempre diferente.<sup>8</sup>

Separado por um oceano e por onze anos de existência ficcional, Bento Santiago reflete sobre a vã tentativa de tornar a vida um discurso, ou, no seu caso, de fazer do discurso a única forma de viver a vida em primeira pessoa:

Não, não, a minha memória não é boa [...]. E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos [...]. É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas."<sup>9</sup>

Bento Santiago e Carlos da Maia parecem concordar que a falha é mesmo condição inerentemente humana, e que só mesmo a imaginação/ficção poderia resgatar e preencher os espaços vazios de suas existências igualmente lacunares. Marcados de perto por esse sentimento de falta, esses personagens masculinos parecem destoar do modelo viril erguido pelos valores burgueses, anunciando um bovarismo *às avessas*, característica tradicionalmente imputada às figuras femininas criadas pela ficção do século XIX.

Em um estudo que privilegia a análise do espaço na literatura e na cultura brasileiras, o antropólogo Roberto DaMatta defende a idéia de que, ao contrário do modelo anglo-saxão, a sociedade brasileira é "relacional"; ou seja, ela constitui-se como "um sistema onde o básico, *o valor fundamental, é relacionar, juntar, confundir, conciliar*. Ficar no meio, descobrir a mediação e estabelecer a gradação, incluir (jamais excluir)". Para o teórico, o modelo norte-americano primária pela "exclusão e separação", ao contrário do brasileiro, que defenderia a "junção e a hierarquização", o que significa dizer que nas nações protestantes o "indivíduo é o sujeito do sistema",

---

<sup>8</sup> OM, p.713-714.

<sup>9</sup> DC, pp.113-114.

enquanto que nos países católicos, o sujeito é de fato "a relação, o elo, o ponto de ligação".<sup>10</sup>

Para justificar suas considerações, Roberto DaMatta se utiliza de alguns dos emblemáticos romances brasileiros e conclui que, na contramão da literatura anglo-saxônica, a nossa literatura usou e abusou das personagens femininas para falar da terra brasileira, transformando-as em paradigmas, já que o feminino assumiria um aspecto relacional básico em nossa estrutura ideológica como um *ente* mediador<sup>11</sup> por excelência. Assim, as mulheres seriam "mediatrizes (e meretrizes = mediadoras) no Brasil".<sup>12</sup> Relacionando o *interno* – o sentimento, o corpo, ou a casa –, com o *externo* – as relações sociais, a multidão, ou a cidade –, as mulheres firmar-se-iam como agentes responsáveis pelo relacionamento entre o *dentro* e o *fora*:

Peça fundamental na relação e no relacionamento, são as mulheres essas figuras do mundo brasileiro e, poder-se-ia acrescentar, do mundo ibérico, já que teria de forçosamente figurar na nossa galeria a figura de Luísa, a mediatriz infortunada de Eça de Queirós no *Primo Basílio*.<sup>13</sup>

Se as personagens femininas realmente protagonizaram muitos dos melhores romances produzidos pela literatura brasileira oitocentista (Aurélia, Ceci, Diva, Lucíola, Capitu, Helena, Iaiá Garcia, Rita Baiana e tantas outras), é certo que também tiveram importância fundamental na literatura portuguesa, mesmo quando suas presenças foram vistas como acessórias ou decorativas, como tantas vezes aconteceu com as personagens criadas pelas penas de Eça de Queirós, de Camilo Castelo Branco ou de Almeida Garrett. No entanto, se clara ou veladamente as criaturas de papel ganharam o seu registro, o mesmo não pode ser dito daquelas que suportaram, factualmente, o peso

---

<sup>10</sup> DaMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997. p. 108.

<sup>11</sup> O papel de mediatriz parece ser também defendido por Roberto Schwarz ao analisar a importância das personagens femininas nos romances de Machado de Assis. Diz o crítico: "Já as mulheres, alheias ao rigor universalista de preceito burguês, que nelas pareceria duro, optam por não optar: não vêm por que renunciar a benefícios ao alcance da mão, que só a superstição das formas liberais ou a idéia fixa da justificação-de-si permanente tornam incompatíveis. O antiformalismo na consideração da norma as preserva de uma ilusão central ao Brasil oitocentista. Em conseqüência, no universo machadiano, são elas as figuras capazes de harmonia, entendido o termo em acepção extramoral". In: *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 2006. p. 137.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 129.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 130.

histórico da era vitoriana e poucas vezes escaparam do anonimato que inexoravelmente se transformou em esquecimento. Viver em um século falocêntrico como foi o século XIX não era, com efeito, uma tarefa fácil para as mulheres do Velho ou do Novo Mundo.

É fato que hoje a História das Mentalidades tenta recuperar os passos femininos que sofreram um processo de ocultamento pelas marchas dos homens vitorianos. Por isso, cabe perguntar se também já não é a hora de reescrevermos a trajetória daqueles que fizeram a era burguesa. Por outras palavras, talvez fosse importante questionar a fisionomia do homem oitocentista para perguntar por que a sua imagem parece tão destoante quando comparamos aquilo que nos dizem os livros da História oficial com aquilo que encenam os principais romances do século XIX.

O que este trabalho pretende analisar é a existência de personagens como Bento Santiago e Carlos Eduardo da Maia, criaturas que, mesmo protagonizando romances concebidos pelos melhores representantes da escola realista no Brasil e em Portugal, são exemplos irretocáveis de pretensos ou supostos vencedores que foram vencidos. De certa forma, o que se quer entender é como um século que apostou no progresso e no desenvolvimento, que estabeleceu valores que norteariam os dois séculos vindouros, também foi capaz de gerar uma literatura criadora de heróis adoecidos, inaptos e superficiais, todos incapazes de um único gesto que justificasse o orgulho histórico que acompanhou o tempo referencial que os fez nascer. Tempo marcado por uma agressividade viril, responsável pela criação de uma "Idade do Ferro". Para os historiadores, o meio século transcorrido entre 1880 e 1930 seria a idade de ouro, ou melhor, de ferro, da diplomacia de canhoneira.<sup>14</sup>

Eric J. Hobsbawm, ao estudar as grandes mudanças sofridas no século XIX, afirma que "nunca houve na história um século mais europeu, nem tornará a haver".<sup>15</sup> Se a frase, afastada do contexto, parece guardar ecos de eurocentrismo, quando relacionada à realidade oitocentista firma-se como uma irrevogável verdade. O mundo era europeu e o que não era Europa sentia de perto a dor da exclusão. É óbvio que não bastava *estar na Europa*, antes era preciso fazer parte de um grupo seletivo de nações que,

---

<sup>14</sup> HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 33

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 26.

pouco preocupadas com a existência do outro ou com qualquer forma de diferença, definiam para o mundo burguês o que podia ser considerado "mundo".

Efetivamente, se o Brasil não passava de um potencial mercado consumidor para os produtos industrializados e de um fornecedor passivo de matéria-prima que fazia prosperar as indústrias européias, convém lembrar que Portugal se encontrava mergulhado em crises internas que, muito antes das invasões napoleônicas, ratificavam o atraso técnico-industrial da Península. De fato, o surto do constitucionalismo (1812 em Espanha e 1822 em Portugal); a independência das colônias na América Latina; as sangrentas guerras civis entre absolutistas de um lado (miguelistas e carlistas) e liberais de outro; e a falsa neutralidade propagandeada tanto pela Regeneração portuguesa, quanto pela Restauração espanhola uniram na mesma instabilidade política os países ibéricos. No caso português se pode afirmar que, mesmo assim, Portugal era não apenas "membro do clube dos Estados soberanos como um grande império colonial, em virtude de sua história; conservava seu império africano não só porque as nações européias rivais não conseguiram decidir como reparti-lo", mas porque, sendo "europeu", seus domínios não eram considerados – pelo menos não totalmente – mera matéria-prima da conquista colonial.<sup>16</sup>

Em verdade, além de Portugal, "Itália, Espanha, Rússia e os países balcânicos estavam, na melhor das hipóteses, nas margens do desenvolvimento".<sup>17</sup> não só por conta do atraso tecnológico, da instabilidade econômica, da insalubridade que atingia as populações tanto rurais quanto urbanas, da alta taxa de mortalidade causada ainda pela fome, mas também graças ao atraso cultural que tinha no analfabetismo a sua mais completa tradução. De qualquer modo, é de um país periférico europeu e de uma recente ex-colônia que nascem dois romances que não só questionam o atraso nacional de que são testemunhas, como também desestabilizam os valores burgueses que definiam as estruturas sociais do tempo referencialmente histórico. Defender que Machado de Assis e Eça de Queirós fizeram de suas escritas um veículo para criticar a realidade que os cercava não passa hoje de lugar-comum. Mas entender como estes autores, consciente ou intuitivamente, desvelaram o difícil exercício da masculinidade num tempo em que

---

<sup>16</sup> Ibidem, p.36. Cabe ressaltar que o autor parece esquecer a humilhação sofrida pelos portugueses em 1890, com *Ultimatum* inglês e a conseqüente redivisão das possessões portuguesas em África.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 44.

foram erguidos alguns dos valores que definiriam o lugar do homem no mundo burguês – a família, o trabalho e a sexualidade – parece ser uma proposta tentadora.

Estamos diante de autores que fizeram da ironia uma segunda pele e com ela escreveram romances que se abrem para mais de um sentido. Assim, se para um leitor inocente, *D. Casmurro* não passa de uma história de adultério e se *Os Maias* são uma tragédia motivada pelo incesto e recheada de ares românticos, para o leitor arguto, Machado de Assis desvenda a sociedade patriarcal e ainda escravocrata do Rio de Janeiro, enquanto Eça de Queirós expõe o descompasso português através de uma sonolenta Lisboa que parece irremediavelmente afastada de todo o vitoriano sonho de progresso.

Eça estabelece sintonias muito nítidas: "questões melindrosas como o poder temporal do clero, a submissão da mulher a esse poder, ou a instrumentalização da confissão",<sup>18</sup> bem como parece concordar que só mesmo o riso, por vezes dolorosamente sarcástico, é capaz de romper com o precário teatro no qual se ergueram as relações sociais do tempo. A respeito de Eça já se disse que suas personagens "querem experimentar o que falta quando algo está sobrando",<sup>19</sup> pois é de dentro de uma enorme escassez que essas criaturas de papel irão reclamar, lúcida ou caricatamente, do excesso de contenção que as soterra. Partindo de uma outra forma de ironia, por vezes tão cruel que ultrapassa o riso, Machado de Assis devolve, através do caráter duvidoso da maioria de suas personagens, "a ambivalência ideológica das elites brasileiras", que se "queriam parte do Ocidente progressista e culto, naquela altura já francamente burguês (a norma), sem prejuízo de serem, na prática, e com igual autenticidade, membro beneficiário do último ou penúltimo grande sistema escravocrata do mesmo Ocidente (infração)".<sup>20</sup>

É, pois, a capacidade de construção de personagens dissimuladas – em maior ou menor grau, com consciência ou sem consciência, por falha de caráter ou por medida de sobrevivência –, aquilo que une estes criadores. Retomando o que diz Roberto DaMatta, as sociedades brasileira e ibérica reconstruídas pelos romances de Machado de Assis e de Eça de Queirós são "relacionais"; ou seja, constituem-se como "um sistema

---

<sup>18</sup> REIS, Carlos. *Estudos queirosianos: ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*, cit., p. 94.

<sup>19</sup> SANTIAGO, Silviano. "O brutalista e o intimista". In: CERDEIRA, Teresa Cristina (*et alli*). *A primavera toda para ti*. Homenagem a Helder Macedo. Lisboa: Editorial Presença, 2004. p. 200.

<sup>20</sup> SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, cit. p.42.

onde o básico, *o valor fundamental, é relacionar, juntar, confundir, conciliar*", e, talvez por isto, estas obras não se prestem a uma simples leitura *na linha*. Na verdade, o jogo de forças estabelecido em cada um dos livros é um requintado trabalho de codificação alegórica, que faz com que o casamento de Bentinho e o incesto dos irmãos da Maia signifiquem muito mais do que aquilo de que as supostas temáticas folhetinescas conseguem dar conta.

Num ensaio já clássico sobre *D. Casmurro*, Roberto Schwarz aponta que se o assunto do livro remete para uma esfera privada – o possível adultério de Capitu –, a narrativa como um todo, muito mais do que tratar das dificuldades de relacionamento entre duas pessoas, relaciona a história de um casamento infeliz "à prerrogativa que tem o proprietário à brasileira de confundir as suas vontades, mesmo as escusas, com os foros da lei, da dignidade etc., segundo a conveniência ou inclinação do momento, e sem que os dependentes tenham como contrastá-lo".<sup>21</sup> Partindo deste ponto, seria interessante averiguar como o narrador Bento Santiago se utiliza da sua relação com Capitu para simular/confundir a sua incapacidade de estar com o outro, a sua incompetência em pertencer, a sua irremediável impotência de afeto.

No caso de *Os Maias*, será a inabilidade diante da vida aquilo que fará de Carlos Eduardo da Maia mais um vencedor que acaba vencido. Para Helder Macedo,

Carlos, o hipotético médico que cura[ria] a nação, tornou-se no fim do livro no supremo exemplo de "ladrão" proudhoniano, o proprietário ausente já nem sequer apenas das terras donde lhe vêm os rendimentos mas do próprio País, o alienado "homem rico que vive bem" à custa da riqueza que não produz.<sup>22</sup>

Criado segundo os imperativos pedagógicos de uma educação inglesa, Carlos desperdiçará a vida como espectador de si mesmo. Ausente de qualquer forma de produção, desistente, diletante e fraco, recusa as responsabilidades do mundo do trabalho, permanecendo como um desempregado de si e de Portugal.

---

<sup>21</sup> SCHWARZ, Roberto. "A poesia envenenada de *Dom Casmurro*". In: \_\_\_\_\_. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 33-34.

<sup>22</sup> MACEDO, Helder. *Os Maias* e a veracidade da inverossimilhança. In: \_\_\_\_\_. *Trinta Leituras*. Lisboa, Editorial Presença, 2007. p. 72.



Assim, estamos diante de personagens que não conseguiram lidar com os valores fundamentais erguidos pela sociedade burguesa. Se Bentinho destruiu a família que lhe garantiria, de fato, um lugar dentro do modelo social burguês, se Carlos negou o trabalho que poria fim à história de privilégio que ganhou como herança, cabe aqui averiguar de que tipo de heroicidade se está a tratar. Se estes personagens são só meros reflexos da crise finissecular que dominou a arte no final dos oitocentos, é talvez a hora de questionar quando afinal começa essa crise? Em outras palavras, Charles Bovary (em *Madame Bovary*) e Frédéric Moreau (em *A Educação Sentimental*) – exemplos igualmente precários de masculino – não podem ser considerados personagens decadentistas, embora encarnassem já em 1856 e 1869, respectivamente, um modelo de masculinidade que depois reapareceria como eco na pele de outros personagens da literatura ocidental finissecular.

Ao examinar as relações de Bentinho e Capitu, Helder Macedo adverte que mais do que uma história de adultério, ou ainda mais do que um estudo sobre o ciúme, o que a narrativa de Machado de Assis discute é a dificuldade inerente a qualquer escolha: "o problema fundamental que Machado levanta em *Dom Casmurro* é o problema da escolha. Que o tenha sabido fazer nas entrelinhas de uma narrativa que visa a demonstrar exactamente o oposto – que nega a possibilidade de haver escolha – dá bem a medida do seu gênio".<sup>23</sup>

Pegando de empréstimo a idéia do crítico português, acredito ser *a escolha* o grande impasse que também se faz presente na narrativa de Eça. Carlos Eduardo da Maia, por alguma hesitação e muita indolência, segue aquilo que o destino dispõe a sua frente. Incapaz de operacionalizar seus projetos, titubeante em assumir Maria Eduarda ainda quando não a sabia sua irmã e fugindo da responsabilidade de revelar a verdade que só aos dois pertencia, o neto de Afonso termina a narrativa em dúvida sobre a validade de correr ou não para "apanhar um americano".

Imobilizados diante da necessidade de escolha, fugindo da responsabilidade que a vida exigia, Bento Santiago e Carlos da Maia protagonizam uma história de vencedores vencidos. Se o bovarismo foi, na sua origem, uma manifestação subjetiva atribuída às mulheres vitorianas marcadas pela insatisfação afetiva e social, parece que a

---

<sup>23</sup> MACEDO, Helder. Machado de Assis entre o lusco e o fusco. In: \_\_\_\_\_. *Trinta Leituras*. Lisboa, Editorial Presença, 2007. p. 57-58

patologia não deixou de atingir alguns dos homens criados pela ficção. Se lembrarmos que o bovarismo "processa-se por autogestão nas pessoas ambiciosas que tendem a imaginar-se diferentemente da sua condição real"; sendo "tudo aquilo que leva o homem a mentir a si próprio, concebendo-se como aquilo que não é",<sup>24</sup> então fica mais fácil entender por que Bentinho se quis como um Otelo da praia da Glória e porque Carlos da Maia se imaginou um Lancelote merecedor da ventura da aventura.

Dolf Oehler, ao analisar as conseqüências do levante de 1848, afirma que é a partir dele, principalmente através das obras de Flaubert e Baudelaire, que nasce a literatura moderna. Essa modernidade estaria inscrita no desejo de libertação que esses autores demonstraram em relação ao espírito sentimental oriundo da tradição romântica e na aguda percepção da contradição histórica que, na época, tentava unir uma pretensão humanista à vontade de progresso técnico-industrial. Marcada de perto pelo discurso irônico, as obras de Flaubert e de Baudelaire surgem como instrumentos de retaliação crítica aos valores burgueses vitoriosos no pós-1848. Lúcidos diante da sensação de impotência gerada pelo massacre revolucionário, o autor de *Madame Bovary* e o poeta d' *As Flores do Mal* souberam com mestria converter o luto em forma de expressão transformadora. Não se pode negar que na segunda metade dos oitocentos já não havia mais o humanismo otimista que embalara o Iluminismo, surgindo em seu lugar o pessimismo e a misantropia, responsáveis pela formação de indivíduos marcados pelo ódio ou pela indiferença a tudo aquilo que se pudesse relacionar com as causas humanitárias. Muitos dos autores antiburgueses deram vida a personagens que possuíam uma moral pífia e que, não raras vezes, se utilizaram da franca crueldade, ou de uma sórdida omissão, para fazer valer o que supunham ser os "seus direitos". Sobre isto, Dolf Oehler acrescenta: "o homem depois de 1848, afirma Sartre, tornou-se um homem do ódio".<sup>25</sup>

Dos autores que escreveram sobre junho de 1848, de perto me interessa Flaubert e, em especial, o romance incontornável que é *A Educação Sentimental*, de 1869. Sem dúvida, acredito que Frédéric Moreau seja o antepassado mais lógico de Bento Santiago e de Carlos Eduardo da Maia. Porém, isto necessariamente não significa

---

<sup>24</sup> MEDINA, João. *Eça de Queiroz e a Geração de 70*. Lisboa: Moraes Editores, 1980. p.105.

<sup>25</sup> OEHLER, Dolf. *O Velho Mundo desce aos infernos: Auto-análise da Modernidade após o trauma de junho de 1848 em Paris*. São Paulo; Companhia das Letras, 1999. p.86.

que Machado ou Eça tiveram nele a sua fonte inspiradora, antes penso que o personagem de Flaubert fundou um arquétipo de masculinidade que reverberou nos discursos de outros autores da escola realista, para além inclusive do que poderia supor o seu criador.

Não raras vezes, os melhores autores do realismo foram acusados de obscenos, de cruéis ou de pouco cuidadosos com as questões do "bom gosto". Muitos sofreram censura, processos penais, virulentas críticas, enfim, foram considerados porta-vozes de uma realidade infernal que não era reconhecida como aceitavelmente humana e muito menos burguesa. Mais do que *descrever o real* – o que de fato não seria jamais exemplo de literatura – autores como Flaubert, Machado e Eça *escreveram o real*, um real que lhes invadia os gabinetes, que lhes guiava a mão e a pena e lhes ressurgia *outro*, porque *único*, nas folhas de papel que não podiam suportar o branco. Foi para vencer uma realidade de todo invencível, foi para lutar contra a impotência e contra o cepticismo presente na maioria de seus personagens que o ato de escrever foi concebido como projeto, como um instrumento, ou simplesmente como tábua de salvação para artistas naufragados na violência de um tempo em desmoronamento.

Monica Figueiredo  
UFRJ / FBN

Monica Figueiredo é professora de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com artigos publicados no Brasil e no Exterior, dedica-se ao estudo da produção literária oitocentista, privilegiando a obra de Eça de Queirós, assunto de seu pós-doutorado realizado na Universidade de Coimbra. Atualmente, é pesquisadora da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde desenvolve o projeto "De vencedores vencidos: Bento Santiago, Carlos da Maia e D. Álvaro Mesía: algumas considerações sobre o romance ibero-brasileiro oitocentista".